

## JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

(1936-1984)



Ary dos Santos, poeta e declamador carismático, é conhecido do grande público como autor das letras de algumas das mais populares canções das décadas de 1960, 1970 e 1980. Durante o período do Estado Novo, contribuiu para a renovação da música ligeira portuguesa através da escrita poética, que considerava ser a sua maneira de falar ao povo. Os seus versos, muitos escritos na Rua da Saudade, no bairro lisboeta de Alfama, andaram de boca em boca como letras de cantigas que fintaram, de modo subversivo, a censura da ditadura.

Dada a sua vocação política, o poeta escreve, acima de tudo, sobre Portugal. A complexidade das relações sócio-político-culturais deste período da História portuguesa está na base de novas correntes artísticas e literárias que visaram reagir contra os valores instituídos, “dando, por conseguinte, primazia à imaginação, à liberdade de formas, à inovação, enfim, ao corte radical com as normas de conduta socialmente aceites” (Costa, 2010: 83). Deste modo, o país é conotado negativamente no poema “14”, do livro *Insofrimento in Sofrimento*, sendo sublinhado um mal ancestral que “tem raízes no sal tem ruído nasal” (1994: 214). O sujeito lírico, ciente de que “Esta nossa saudade lacrimal / é hoje um mineral: / otorrinolaringoestactite” (*ibidem*), sugere que este sentimento relacionado com o período das aventuras marítimas se tenha cristalizado numa postura de apatia melancólica, o que obstaculizava a resistência política e a revolução.

Além da problematização de aspetos da cultura portuguesa, Ary dos Santos questiona também a Europa, temática que se encontra presente, implícita ou explicitamente, em

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

alguns poemas, evidenciando-se uma oposição firme ao silêncio imposto pelo regime ditatorial português.

Neste sentido, Lisboa é comparada a uma Europa repleta de vícios, sendo designada, no poema “Lisbon by night”, como uma “pseudo euro-cidade” (1994: 235). Com efeito, na tentativa desesperada de se tornar cosmopolita, Lisboa parece ter perdido a sua identidade, transmutando-se num “antro de feras criadas” (*ibidem*). Repete-se, ao longo da composição, a mordaz crítica aos indivíduos pertencentes à aristocracia, que são caracterizados, a título de exemplo, como “modernas avestruzes”, “mancebos de longas tranças / enforcados em gravatas” e “megalómanos artistas” (236). Por outro lado, é notório o contraste com a miséria do povo, ou seja, a “saxofome” que, na ótica do eu poético, deve ser veementemente denunciada:

Sexofone saxofome  
um continente castrado  
vai desesperando de um lume  
nunca mais incendiado. (1994: 235)

Desenha-se, portanto, o retrato de um continente castrado que anseia por uma revolução que não se inicia. A obscenidade lisboeta (e, conseqüentemente, europeia) transparece através da reprodução textual daquele que seria o linguajar do meio citadino, retratando a realidade dramática desses locais e a revolta do sujeito. Neste poema corrosivo marcado pelo débito verbal exagerado, o grito do eu lírico irrompe em defesa de um povo vilipendiado por quem urge lutar, o que é operacionalizado pela caricatura da pretensa superioridade dos aristocratas e pelo sarcasmo perante a prostituição da sociedade. O poeta serve-se de uma linguagem explícita, a rentear o obsceno, como metáfora política, revelando uma atitude de comprometimento social onde a força motriz do corpo é necessária para atingir a mudança: “uma puta seca tenta / suicidar a vagina” (236). No entanto, subjaz alguma esperança na última estrofe:

Mortos da morte mais lenta

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

que é possível conceber-se  
dilacerada placenta  
de estando morto nascer-se. (1994: 237)

A relação de Portugal com a Europa, encarada a partir da realidade lisboeta, é aprofundada no poema “O Turismo”, estabelecendo-se um contraste social: “Tudo tem lugar no mapa / Paris Washington Moscovo / Em Itália vê-se o papa / em Lisboa vê-se o povo” (1994: 245). Apesar de ter consciência de que “gritar é proibido... sofrer é proibido” (247), o eu poético assume-se como a voz da recusa perante o ócio, visto que os turistas que percorrem a cidade não conhecem “as coisas viscerais” que afligem o “povo sem pão / que se cose a sorrir (...) deste povo de trégua / que se canta a morrer”, ironizando: “o segredo / (...) / é apenas a fome. / É apenas o medo. / É apenas o sangue. / É apenas o pus” (246). A consciência de que compete ao poeta ser a voz que se nega a pactuar com o sistema e a esquecer o ambiente envolvente perpassa também no poema “13”:

Nos ombros da Europa apenas uma capa  
de imagens rotas de palavras outras  
colar de prostituta  
vítima de ostras. (1994: 213)

O sujeito nota, nesta estrofe, que a Europa se tem vindo a prostituir, revelando-se submissa às “imagens rotas” e “palavras outras”, atitude que fomenta a estagnação social: “pérola parola gôndola parada / (língua de ponta e mola / enferrujada)” (213). De facto, este continente, designado de “nó nefelibata / amarela donzela / caricata” (*ibidem*), insiste num afastamento permanente da realidade.

A cosmovisão negativa da Europa adensa-se em “World’s news”, em que Ary dos Santos recorre, mais uma vez, ao erotismo enquanto arma de arremesso político, afirmando o imperativo de mudança coletiva, como corroboram os versos que encerram a composição: “não há parto sem dor não há tempo sem hora / é urgente rompermos a vagina do medo” (1965: 554). Ora, o sujeito poético trava um combate contra o estatuto hegemónico das figuras que oprimem os mais fracos, denunciando, com recurso ao sarcasmo, a imoralidade das entidades que detêm o monopólio do poder. Ridiculariza-se, primeiramente, a Rainha de

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

Inglaterra, que “fez uma gaifona” (553), as instituições religiosas, cuja pregação é pautada pela hipocrisia e ausência de valores – “Os jornais imorais anunciam que um bispo / tem um filho na mitra e outro na barriga” (*ibidem*) –, e os aristocratas, caricaturados nas expressões “Duquesa Larocas”, “Barão do Balão” e “Marquesa da Aorta”.

Realça-se, além disso, a miséria do povo – “é preciso dinheiro é preciso comida / é preciso pagar-se a fome do grosso” (1965: 553) –, referindo-se o compromisso com os pobres, cuja individualidade é suprimida pelos “nobres”, que os poetas devem assumir nos seus textos:

Meus irmãos Meus irmãos é urgente lavarmos  
no bidé das palavras a uretra dos nobres  
mijarmos nos salões e depois ensaiarmos  
a reação dos poetas na gazeta dos pobres. (1965: 554)

Por fim, a palavra “Europa” surge apenas mais uma vez na obra de Ary dos Santos, em *Tempo da Lenda das Amendoeiras* (1964), livro elaborado no contexto de um concurso algarvio. A longa composição, repleta de influências medievais, prefigura o sarcasmo utilizado muitas vezes pelo poeta que desafia convenções e hipocrisias, sendo que o seu pendor jogralesco a aproxima das cantigas de escárnio e maldizer. Na verdade, a referência à Europa encontra-se relacionada com a grandiosidade da memória histórica dos povos deste continente: “Cruzei Europas de pasmo / Venezas de esquecimento / Babilónias de sarcasmos / Honduras de sofrimento” (1994: 119).

### **Lista de poemas sobre a Europa**

“13”, *Insofrimento in Sofrimento* (1959)  
“14”, *Insofrimento in Sofrimento* (1959)  
“15”, *Insofrimento in Sofrimento* (1959)  
“Lisbon by night”, *Insofrimento in Sofrimento* (1959)  
“O turismo”, *Insofrimento in Sofrimento* (1959)  
*Tempo da Lenda das Amendoeiras* (1964)

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

“O coco”, *Adereços, Endereços* (1965)

“World’s news”, *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* (1965)

## **Antologia breve**

### **13.**

Nos ombros da Europa apenas uma capa  
de imagens rotas de palavras outras  
colar de prostituta  
vítima das ostras.

Pérola parada gôndola parada  
(língua de ponta e mola  
enferrujada).

Peito de vitela nó nefelibata  
amarela donzela  
caricata.  
(1994: 213)

### ***Lisbon by night***

Sexofone saxofome  
aqui jazz a humanidade  
sepulcro de pedra pomes  
duma pseudo euro-cidade.

Antro de feras criadas

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

entre manteiga e obuses  
cansadíssima corrida  
de modernas avestruzes.

Na cave do cio soa  
um rumor acutilante  
faca pássaro que voa  
em seu espaço percutante.

Sexofone saxofome  
agulha de tédio e ritmo  
ninguém ouve ninguém come  
a noite não tem princípio.

Mancebos de longas tranças  
enforcados em gravatas  
vão depauperando as danças  
com os pés aristocratas.

Megalómanos artistas  
ademaniam poemas  
enquanto velhas coristas  
coçam glórias e eczemas.

Um canceroso rebenta  
seu tumor de nicotina,  
Uma puta seca tenta  
suicidar a vagina.

Sexofone saxofome  
o banqueiro está de esperanças

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

foram-lhe ao rabo do nome  
mais de um milhão de crianças.

Seus olhos de rã repleta  
batraqueiam um efebo  
sua pupila secreta  
rumina bolhas de sebo.

Entanto a noite esfaqueia  
O ventre das virtuosas  
Senhoras com pé de meia  
Que bebem água de rosas.

Das tripas lhe faz um nó  
dos ovários um apito.  
Estou tão só que me faz dó  
solfeja seu pito aflito.

Sexofone saxofome  
um continente castrado  
vai desesperando de um lume  
nunca mais incendiado.

Fenício celtas e godos  
odeiam seus próprios corpos.  
agora vingam-se todos  
do peso de estarem mortos.

Mortos da morte mais lenta  
que é possível conceber-se  
dilacerada placenta

JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

de estando morto nascer-se.

(1994: 235-237)

### ***O turismo***

Visitar este país

até à última gota:

O porco e o Porto a bola e a bolota

o que é como quem diz

itinerar a derrota.

Tudo tem lugar no mapa

Paris Washington Moscovo

Em Itália vê-se o papa

em Lisboa vê-se o povo.

Welcome Bienvenus Salud Willkommen Viva

a sífilis saúda-vos saúda-vos a estiva

desta carga de heróis em carne viva

nociva mas barata

vindes matar a sede com uva

beber o sumo de ócio que nos mata.

Desemborçais nos cais desembolsais demais

mas não sabeis

as coisas viscerais as coisas principais

deste país azul

com mais hotéis do que hospitais

talvez por ser ao sol talvez por ser ao sul.



JOSÉ CARLOS PEREIRA ARY DOS SANTOS

Aqui ao pé do mar bordamos a tristeza  
as toalhas de mão as toalhas de mesa  
que levais para casa Souvenir  
deste povo sem pão  
que se cose a sorrir.

Aqui ao pé do rio gememos a saudade  
nosso fado submisso nossa água a correr.  
Canção de mal devir Souvenir Souvenir  
deste povo de trégua  
que se canta a morrer.

Aqui ao pé do vento forjamos o lamento  
dum país que se vende a peso nos prospectos  
tanto de sol ardente tanto de cal fervente  
e uma nódoa de céu nos xailes pretos.

Aqui ao pé do fel gritamos o segredo  
do que parece fácil neste país de luz:

É apenas a fome.

É apenas o medo.

É apenas o sangue.

É apenas o pus.

(1994: 246)

### **Bibliografia ativa selecionada**

SANTOS, José Carlos Ary dos (1994), *Obra Poética*, 2ª ed., Lisboa, Edições Avante!

CORREIA, Natália (1965), *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*; ed.ut.: 4ª ed., Lisboa, Ponto de Fuga, 2019.

### **Bibliografia crítica selecionada**

COSTA, Lurdes (2010), *O Silêncio É o Sítio onde se Grita: silêncio e erotismo em José Carlos Ary dos Santos* (Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses, Universidade de Aveiro), <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3760/1/235713.pdf> (consultado a 31 janeiro de 2020).

**Miguel Correia**

### **Como citar este verbete:**

CORREIA, Miguel (2019), “José Carlos Pereira Ary dos Santos”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa*. ISBN: 978-989-99999-1-6. <https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbeta/jose-carlos-pereira-ary-dos-santos/>